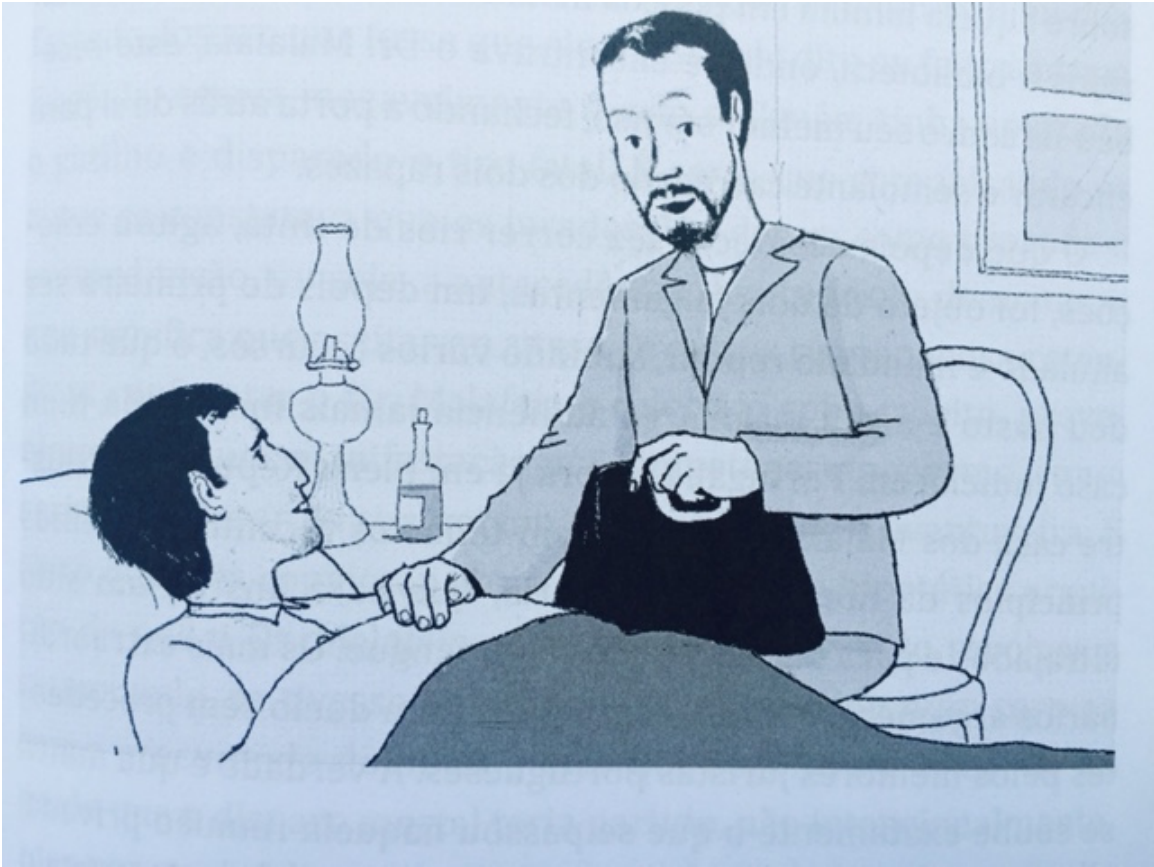


O AMARGO DO QUININO



A manhã do dia 26 de Julho de 1917 iria revelar-se fatal para o Dr. Augusto Malafaia, um jovem licenciado em direito da Comarca de São Pedro do Sul. Conhecido pelas suas maneiras e gentilezas fidalgas que, porém, no entender dos seus detratores, eram apenas uma fachada de quem era useiro e vezeiro em comprometer com os seus atos a gabarolices senhoras que lhe deviam merecer todo o respeito.

As portas da antiga e brasonada casa Malafaia abriram-se sem hesitação ao primo e amigo, o jovem Fernando Novais que se fazia acompanhar de José Bettencourt, distinto estudante de medicina, noivo de sua irmã. Ninguém se apercebeu que iam de cabeça perdida, armados de pistola e revólver e que a tragédia se iria abater sobre aquela família em poucos instantes. Imediatamente conduzidos à biblioteca, onde se encontrava o Dr. Malafaia, este recebeu-os com o seu melhor sorriso, fechando a porta atrás de si para encarar o semblante carregado dos dois rapazes.

O que depois aconteceu fez correr rios de tinta, agitou emoções, foi objeto de dois julgamentos, um depois do primeiro ser anulado e mandado repetir, subindo vários recursos, o que tudo deu pasto e azo à mais larga audiência jamais imaginada num caso judicial em Portugal. Embora já em plena República, a ilustre casa dos Malafaias acordou em todos os recantos os velhos princípios da honra e de cavalaria, que para uns teriam sido ultrajados e para outros lavados com sangue. Os mais extraordinários argumentos foram esgrimidos num duelo sem precedentes pelos melhores juristas portugueses. A verdade é que nunca se soube exatamente o que se passou naquela reunião privada, que ninguém pôde testemunhar, a não ser o ter ouvido o estalo dos disparos, que deixaram prostrado e sem vida o infeliz causídico, a quem terão falhado argumentos para o defender da sua própria condenação contra aqueles que foram os seus acusadores, julgadores e executores. Admite-se que faltassem fundamentos ao Dr. Augusto Malafaia para provar a sua inocência, relativamente a ofensas à honra da sua prima Eugénia Novais, contudo, a pena sofrida seria sempre inadmissível por absolutamente excessiva.

Curiosamente, foi a medida da pena aplicada aos réus o que mais indignou e dividiu os espíritos mais judiciosos que viravam e reviravam os factos por todos os lados, numa tentativa de reconstituição fidedigna do que efetivamente teria acontecido, o que se mostrou impossível de estabelecer. Ninguém podia, no entanto, esperar ou pedir uma absolvição visto que o crime era inegável. O Dr. Malafaia, fosse ou não um D. Juan disfarçado, fosse o que fosse que ele tivesse dito ou feito à prima Eugénia, estava inegavelmente morto e alguém tinha apertado o gatilho e disparado o tiro fatal. É certo que compulsando os autos se constatava que os jurados não deram como provada a premeditação, ou seja, a antecedência do propósito de matar, o que significa que aceitaram a tese de que os réus apenas pretendiam confrontar o Dr. Malafaia e colocá-lo sob respeito, prevenindo qualquer manifestação mais impetuosa do mesmo, como seria de esperar da sua personalidade atrevida e aventureira. É claro que esta convicção abria caminho para a hipotética arguição de que o Dr. Malafaia ao se ver ameaçado pelo revólver a si apontado, se tivesse atirado a eles e envolvido num corpo a corpo procurando dominar a mão que segurava a

arma, de tal modo que o disparo mortal teria partido, não intencionalmente, mas por um infeliz acaso. O tiro não só não teria sido premeditado como não teria sido igualmente desejado.

Esta conjectura esteve no epicentro da polémica mais emocionante deste processo, porque os jurados vieram, no final, a dar como provado o excesso de legítima defesa, circunstância que teria o condão de passar a sentença de pena maior a simples pena correcional, que estaria praticamente cumprida visto já terem decorridos mais de dois anos desde os acontecimentos trágicos na casa de Serrazes. Quando já os advogados e os adeptos dos réus atiravam os chapéus ao ar, se davam abraços e telegramas de felicitações se cruzavam em todas as direções, o meritíssimo juiz da causa aplicou a condenação máxima, incluindo o degredo em África, pela simples razão de que não podia haver excesso de legítima defesa, quando não se provara a legítima defesa. Uma coisa não podia existir sem a outra. Elementar, como diria Sherlock, mas nem por isso tão simples de explicar com base nas disposições do Código Penal nem na sinuosa jurisprudência de casos semelhantes.

Foi, certamente, uma questão jurídica interessantíssima que não cabe nesta história, mas que levou ao mais profundo desespero o advogado de defesa, ilustríssimo professor de direito que lamentou nas suas alegações de recurso que “com um traço de pena se atiraram dois rapazes, não para o sol da liberdade, para a vida, mas para as trevas duma masmorra durante muitos e largos anos, para a morte fria e lenta”.

A masmorra de José Bettencourt foi a Fortaleza de São Miguel, edificada no morro mais alto da cidade de Luanda, mas as tintas com que o inspirado professor descreveu as suas trevas e a sua equivalência à condenação à morte, fria e lenta, contrastavam manifestamente com o sol brilhante angolano e o seu calor, esse sim sufocante, mas não capaz de matar.

Uma questão assim, tão passional, não poderia deixar de contagiar um advogado em que ele próprio confessa ter posto na causa “todo o esforço de homem de leis e de coração” e ele terá sabido bem porque o disse. Só que, quando o coração entra em

ação, mais tarde ou mais cedo vem à boca um amargor, tão amargo como o quinino que José Ferreira, padecendo das primeiras febres em Luanda, era obrigado a tomar em doses cavalares.

A D. Isaura Morais, que nunca se esquecia de recomendar ao novo empregado do marido a tomada do detestável comprimido branco, todas as semanas, mesmo que lhe amargasse como fel, ficou preocupadíssima com os sintomas que José apresentava, de tonturas, náuseas e dores horríveis de cabeça, pelo que tratou de lhe preparar infusões e outras mezinhas que infelizmente não deram nenhum resultado.

“É o que dá dormir com as janelas abertas... os mosquitos matam, Ferreira, eles são os únicos assassinos à solta nesta terra.” José estava tão mal que não se podia levantar da cama, a febre tinha-lhe subido altíssima e os suores frios estremeciam-lhe o corpo da cabeça aos pés, cobrindo-se agora inutilmente de cobertores, ele que tanto se queixava do calor demasiado do seu quarto. Era preciso fazer chegar de urgência um médico à cabeceira do doente antes que ocorresse uma fatalidade. José delirava... dizia que estava prisioneiro na fortaleza, que tinha cometido um crime sem perdão, sentia o seu tornozelo preso a um ferro, queria fugir e não conseguia por mais esforços que fizesse. Um dos presos, ao seu lado, deu-lhe a mão, pegou-lhe no pulso como se quisesse sentir-lhe a pulsação e a vida e José reconheceu nele o rosto e a barbicha de José Bettencourt.

“Salve-me, salve-me por favor” suplicava José...”

“Calma, calma... você vai ficar bom...”

“Vai-me dar mais quinino?”

O Dr. José Bettencourt sorriu, abriu a sua maleta de primeiros socorros, retirou um pequeno estojo metálico de onde retirou uma seringa e uma agulha... acendeu uma pequena lamparina de álcool desnaturado, riscou o fósforo e na chamazinha azul desinfetou a agulha que pouco depois, com uma palmada, se cravou na nádega

branquinha de José Ferreira.

A D. Isaura tinha sido rendida pelo velho senhor Moraes porque as nádegas de José Ferreira lhe deveriam ser púdica, embora desnecessariamente, poupadas.

José Bettencourt partiu, depois dos agradecimentos e paga-mento do Sr. Moraes, pois devia regressar à Fortaleza. José Bettencourt não era o único preso com liberdade relativa para o exercício da sua atividade profissional. Afinal, todos os presidiários tinham a obrigação de trabalhar, por regra isso acontecia em obras públicas, dividindo-se diariamente em vários grupos a quem eram atribuídos diferentes tipos de trabalhos. A aptidão profissional de qualquer prisioneiro, desde que o seu comportamento e personalidade não oferecesse reservas, era naturalmente aproveitada, sendo-lhe consentida, com as convenientes limitações horárias, a prestação de certos serviços úteis à sociedade local.

José Bettencourt voltou outras vezes à casa do Sr. Moraes, mesmo depois de José Ferreira voltar a sentir-se com forças para voltar ao seu serviço no estabelecimento. Era frequentemente convidado para o almoço de domingo da família Moraes, a que agora se juntava José Ferreira que revivia com as filhas do casal as suas brincadeiras e conversas com as primas do Porto, uma delas a sua prometida com quem, pelo código de honra do velho Germano de Castro estava mesmo obrigado a casar.

“Dr. Bettencourt, o senhor há-de desculpar-me, mas depois de me ter curado daquele paludismo que me ia matando, sinto que o senhor passou a ter alguma responsabilidade pela minha nova vida...”

“Não estava a ver de modo nenhum isso por esse prisma... você sobreviveu porque tem uma vontade feroz de viver, ou estou errado? Mas disponha... há alguma coisa mais em que o possa ajudar?”

“Pois, desculpe o abuso...mas o senhor além de médico é uma pessoa que pela sua vida...talvez me possa responder a uma coisa que me preocupa... muito...”

“Tem a ver com a doença? Isso já passou homem, você está pronto para outra... o

paludismo é assim...”

“Bom, a minha pergunta...agora que o conheço... é se o amor também pode ser uma doença mortal?”

“Ah, ah, ah, não me diga que está com medo de morrer de amor, José Ferreira...?”

“Não, não, estou com medo de ser morto...”

“Sabe José Ferreira, não se fala em corda em casa de enforcado...”

“Eu não o queria ofender, Dr. Bettencourt, até porque o meu caso não tem nada a ver com o seu... o senhor acha que uma pessoa pode estar apaixonado, verdadeiramente apaixonado, por duas mulheres, ao mesmo tempo?”

“Não, não acho... acho que se pode gostar de duas, três, sei lá quantas mais mulheres, mas o sentimento a que o meu amigo se refere é um sentimento pleno, indivisível... para se poder estar apaixonado igualmente por duas mulheres seria preciso estar apenas meio-apaixonado por cada uma delas, ou dois terços por uma e um terço por outra... pura aritmética meu caro!”

“Pois eu tenho a sensação que gosto de ambas... e se pudesse...”

“Mas não pode, esqueça José Ferreira... admita em consciência de quem realmente gosta... e assuma as suas responsabilidades...”

José Ferreira não dormiu naquela noite... rememorava a sua conversa com José Bettencourt e era como se o ouvisse ali ao seu lado a dizer-lhe que tinha de tomar uma decisão.... Ironicamente dizia para si mesmo que embora a cumprir pena por homicídio, Bettencourt lhe havia dado nessa tarde de domingo uma prova não apenas de lucidez como de honestidade... *“e ele é que é o criminoso...”* José Ferreira voltou a encontrar-se em várias ocasiões com o Dr. Bettencourt, que continuava a granjear fama de excelente facultativo, sendo requisitados os seus serviços em várias casas da cidade, começando pela própria prisão na Fortaleza, onde

igualmente cuidava da saúde tanto dos seus companheiros de degredo como dos seus carcereiros, que o tratavam com o maior respeito e até admiração.

Uma pergunta ficava sempre encravada na sua garganta e nunca foi capaz de a fazer. Bettencourt, no entanto como bom médico que era, foi-se apercebendo dos sintomas e uma tarde, depois do almoço com os Moraes, sentados no terraço saboreando um café, disparou à queima roupa:

“Você, José Ferreira quer saber se eu, depois destes anos todos, ainda amo a Eugénia Novais...”

José Bettencourt contou então, a um maravilhado José Ferreira, toda a história do seu amor e tudo o que se passou naquela biblioteca em Serrazes, no palácio dos Malafaias. Os seus trabalhos forçados em Angola pelo menos acabaram com os pesados trabalhos de conquistas amorosas, em que o Dr. Augusto Malafaia era exímio e célebre e que fizeram com que não respeitasse aquela que seria a sua mulher. Não foi o tiro que disparou contra o Dr. Malafaia que o condenou, mas o seu amor e por esse amor mais tempo cumpriria se mais anos tivesse de vida.

“Agora que lhe contei tudo, meu amigo, já sabe... o amor é como o quinino... salva, mas há sempre um amargo no coração...”